

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

EPISTEMOLOGIA, HISTÓRIA E ENSINO DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ana Maria Radaelli da Silva
Boletim Gaúcho de Geografia, 24: 111-112, maio, 1998.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39131/26313>

Publicado por
Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1998
Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

EPISTEMOLOGIA, HISTÓRIA E ENSINO DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ana Maria Radaelli da Silva *

No momento em que a qualidade dos cursos superiores é colocada em evidência e repercute em diferentes esferas da sociedade – notadamente sob os efeitos da divulgação dos resultados da 1ª avaliação realizada pelo Ministério da Educação – recolo-co a preocupação com uma questão central da educação brasileira: a formação do professor.

Repensar sua formação, para além de um currículo de disciplinas descritivo-dis-cursivas, escassos de disciplinas teóricas e técnicas, que tem caracterizado muitos cur-sos de Geografia no Brasil, requer a busca de novos parâmetros que possam aperfei-çoá-la e garantir um profissional capaz de atuar, conforme recomendação de ANDRADE (1994:66):

(...) o geógrafo, como todo cientista, deve desenvolver o seu raciocínio e a sua ação, levando em conta, de forma positiva e integrada, as duas categorias ci-entíficas, o espaço e o tempo.

Assim, paralelamente ao domínio do conteúdo da ciência geográfica, como requi-sito primordial para o desempenho do exercício da docência em Geografia e, paralela-mente também ao suporte técnico, didático e pedagógico, é imprescindível que os Cur-sos Superiores de Formação de Professores proporcionem uma ampla e crítica visão epistemológica e histórica da mesma, para que o ensino da Geografia seja também um ensino sobre a Geografia.

Faço esta defesa baseada na experiência pessoal adquirida nos três graus de ensi-no e que tornou possível fazer o balizamento das ações desenvolvidas antes e depois da reflexão teórica que orientou uma nova postura, mais reflexiva e crítica, no desenvolvi-mento das ações pedagógicas.

É o que se poderia chamar de uma “visão contextualizada” do ensino da Geogra-fia, no qual não se pode conceber um currículo a partir do conteúdo, por ele mesmo, separado da história e filosofia deste conteúdo, porque o conteúdo é necessariamente histórico, uma vez que está amalgamado nas idéias e nos contextos social, político, econômico e cultural da época em que se constitui.

Na apresentação da obra de PEREIRA (1989:14), as palavras de Milton Santos dão a dimensão exata do que proponho defender, quando diz que:

Na realidade nenhuma disciplina cola tanto às tendências filosóficas de cada época do que a Geografia, pois ela surpreende, na própria materialidade cons-truída pelo homem, o peso das relações e das idéias características de cada momento histórico, desse modo ajudando a entender a arquitetura do mundo.

Este entendimento será possível na medida em que se dá a apreensão dos conceitos simultaneamente às explicações teóricas e orientações metodológicas, o que evitará o “engessamento” do conteúdo.

Para MILTON SANTOS, na referida apresentação,

Isto só se obtém quando se faz uma proveitosa viagem às fontes das idéias e conceitos atuais, revisitando a origem das temáticas e a evolução do pensamento, em suas relações com o próprio fluir da realidade.

Tenho a convicção de que a investigação histórica da Geografia e o entendimento das transformações sofridas ao longo de sua trajetória, tanto ao nível interpretativo como metodológico, não são condições para promover apenas a compreensão da atualidade deste conhecimento mas, sobretudo, para proporcionar novas possibilidades frente a ele.

Importa, portanto, que as Universidades preparem profissionais aptos a executar a atividade docente, a partir de posições claras e comprometidas, contribuindo para que o ato de pensar, fazer e ensinar Geografia, seja uma ação política e social consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Uma Geografia para o Século XXI*. Campinas, São Paulo: Papirus. 1994.
- PEREIRA, Raquel M. Fontes do A. *Da Geografia que se Ensina à Gênese da Geografia Moderna*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

* Professora no Departamento de Geociências, ICEG/Universidade de Passo Fundo. Pós-graduanda em Metodologia do Ensino Aplicada às Geociências, IG/ UNICAMP.

UM EXEMPLO DE COMO AS AULAS DE GEOGRAFIA AJUDAM AS CRIANÇAS A IDENTIFICAR A SUA REALIDADE EM UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO INFORMAL

*André Luís Fernandes da Rocha **

Aliar a concepção da Geografia como ciência educacional a uma prática em uma perspectiva de educação informal é o objetivo deste trabalho. Partindo de pressupostos embasados na teoria de PAULO FREIRE (1981), interseccionada com a concepção de gênese dos conhecimentos de JEAN PIAGET (1967) e da prática de ensino com conteúdos de Geografia, buscou-se uma atividade que pudesse concretizar tal proposta. Com isso, os bolsistas PET/Geografia/UFRGS participaram de um projeto de educação informal na qual tais teorias são postas em prática em vilas da periferia de Porto Alegre.